

IA14P835

A MISSÃO DO ARQUITECTO-PAISAGISTA (*)

Prof. *Francisco Caldeira Cabral*
Engenheiro Agrónomo
Arquitecto-Paisagista

Pediu-me a Direcção da Associação dos Estudantes de Agronomia para fazer uma conferência integrada numa série que se está a realizar nesta Escola. Aceitei com prazer, porque de facto não o pode haver maior para o Professor do que ser solicitado para falar àqueles a quem dedicou a sua vida, procurando comunicar-lhes o que tem aprendido e meditado. Mas desta vez, se possível, o prazer ainda é maior porque o tema sugerido é o que tem ocupado toda a minha vida: *A Missão do Arquitecto-Paisagista*. Aqui estou portanto, grato pela ocasião que me foi proporcionada de falar a todos daquilo que é a nossa preocupação quotidiana. Farei o possível por corresponder o melhor que souber.

A Arquitectura-Paisagista é um dos ramos mais recentes das Belas Artes. Com pouco mais de 150 anos de existência diferenciada, só agora começou a tornar-se conhecida e, mercê de circunstâncias variadas, a tomar um desenvolvimento que lhe define o âmbito e a missão. Não é por isso de estranhar que a maior parte das pessoas, não só em Portugal mas em todo o Mundo, não tenha uma noção clara do que seja um Arquitecto-Paisagista e muito menos ainda de qual seja a sua missão em geral, e em particular na época presente. Para podermos aferir ideias procuremos antes de mais uma definição: «*A Arquitectura-Paisagista procura realizar, em cada momento, com a maior perfeição, a paisagem humanizada.*»

Definido assim o objectivo da Arquitectura-Paisagista, vejamos qual será a sua missão em geral:

Salientemos em primeiro lugar que o seu objecto próprio é a paisagem humanizada, isto é aquela que o homem modelou para satisfação das suas necessidades primárias. Quer isto dizer que a sua acção tem por fim o homem, em toda a sua complexidade material e espiritual, para o qual procura encontrar

(*) Conferência realizada na Sala de Actos do I. S. de Agronomia em 18 de Maio de 1956.

a satisfação dos fins materiais, mas sem esquecer nunca os aspectos de ordem, de beleza e equilíbrio. Procura realizar uma síntese das aspirações humanas neste mundo, e por isso é uma arte, e uma das Belas Artes.

Outras actividades humanas intervêm na criação da paisagem humanizada — a Agricultura, a Silvicultura, a Pecuária, a Construção Civil, etc. — mas só a Architectura e a Architectura-Paisagista, tem como fim essencial realizar não só a utilidade, mas também a beleza. São ao mesmo tempo Artes Belas e Artes Aplicadas. Daqui a sua dificuldade, mas também o seu grande encanto e sedução.

Só em raros momentos da história o homem se apercebe de modificações na paisagem. Ao passo que na Architectura é bem patente, ao menos em certos aspectos, a evolução do estilo, de que nos ficaram como testemunhos edifícios das diferentes épocas históricas com seus traços inconfundíveis, a paisagem evolui como um todo, gradualmente, e de tal forma que só os iniciados poderão ver em leves vestígios como fôra antes o quadro que agora se nos depara. A própria lentidão do movimento evolutivo, faz com que as gerações tenham uma noção estática da natureza e não se apercebem sequer da influência do homem, que às vezes até parece totalmente ausente, e é no entanto pressentida em toda a parte pelos olhos que foram treinados para a ver. Nunca me poderá esquecer a estranha sensação, nas minhas primeiras visitas ao Alentejo, de ver a marca humana omnipresente na paisagem, erma na aparência.

Em determinados momentos porém tudo se modifica a olhos vistos, e então essa falta de visão retrospectiva, e de medida da própria acção do homem, que se desnorteia, leva-o a destruir não só a utilidade, mas também a beleza que tantas vezes criara inconscientemente. Aqui intervêm o Architecto-Paisagista que afinou a sua sensibilidade para reconhecer as belezas existentes e ainda a potencialidade de beleza contida nas novas soluções; que estudou as leis que regem a paisagem, e por isso a entende, e sabe fazer surgir um novo equilíbrio que satisfaça o homem que nela há-de viver. Por isso se disse na definição que procuramos realizar *em cada momento* a maior perfeição.

A Paisagem humanizada apresenta porém os mais variados graus de influência do homem, desde a selva onde uma população mal fixada abre uma clareira que explora por algum tempo para em seguida a abandonar por outra mais além, até à cidade industrial do século XIX e dos princípios deste, de que a natureza parece de todo ausente.

A intervenção do Architecto-Paisagista é mais necessária na medida em que vai sendo mais intensa a humanização, que chega a tornar-se inteiramente deshumana, como tantas vezes acontece às obras do Ser eminentemente contraditório que é o homem.

Não é portanto de estranhar que na nossa época, e sobretudo nos países de velha civilização ou de recente e fulminante ocupação, a acção do Architecto-Paisagista se tenha tornado necessária e de uma actualidade flagrante.

Nos países da velha Europa nada resta da *Natureza intacta*, nem o mar nem o ar! Vejam as gaivotas mortas nas praias pelo óleo dos navios, o ar carregado de fumos que a todos preocupam! Aqui a intervenção do Architecto-Paisagista, que defendendo a natureza defende o homem, é não só necessária mas imperativa! E assim vai sendo reconhecido em toda a parte. E posso dizer que apesar de bem recente, também entre nós a profissão vai ocupando o lugar que lhe compete.

A nossa missão é por vezes muito delicada e exige sempre não menos conhecimento dos homens do que das plantas e do meio físico. Conhecimento, em primeiro lugar, dos homens *para quem* trabalhamos: desde os operários das cidades até ao grande industrial, desde o pequeno proprietário e trabalhador rural até ao grande lavrador, e em segundo lugar dos homens *com quem* trabalhamos. A nossa obra é sempre de colaboração e exige bom entendimento e leal cooperação. Se assim não fôr está de antemão votada ao insucesso, porque, tratando-se de coisas vivas, nós apenas as concebemos e geramos, mas depois a obra há-de viver por si e entregue aos cuidados de outros homens — os que nela há-de viver e as gerações que se há-de seguir. Ora para que isto aconteça é necessário que tenhamos sabido adivinhar os anseios e desejos daqueles para quem trabalhamos, que lhe tenhamos sabido dar forma e finalmente que os tenhamos convencido de que é isto o que eles desejam.

Quanto à colaboração dos que trabalham connosco, os outros profissionais, o caso não é menos delicado. Temos em primeiro lugar de marcar claramente que o facto de emitir opinião sobre os mais variados assuntos não quer significar uma tendência para evitar a colaboração, ou uma intromissão em seara alheia, mas somente a necessidade de integrar os dados de cada especialista na realização do Todo que nos está confiado.

Essa colaboração é não só desejada como indispensável, mas é necessário muito tacto, muito sentido humano, para fazer ver a cada um que o seu ramo de saber, por fundamental e importante que seja, é sempre e apenas uma parte do problema. É frequente também haver dificuldades derivadas da formação totalmente diferente dos diversos colaboradores. Assim, a nossa concepção, que é artística e por isso em larga escala intuitiva, aparece ao técnico mais ligado às ciências físico-matemáticas, como falha de exactidão, ao passo que as suas conclusões se lhe apresentam a maior parte das vezes, não só como precisas mas ainda como unívocas. Com os homens de boa formação biológica ou artística,

o entendimento é em geral mais fácil porque uns e outros têm maior elasticidade de concepção, e processos e materiais mais semelhantes aos nossos. As coisas porém voltam frequentemente a complicar-se com os economistas que por vezes têm grande dificuldade em admitir qualquer dispêndio, até mesmo só de imaginação, para atingir um fim que não seja de imediata utilidade económica. E no entanto com todos temos de colaborar e conseguimos colaborar na melhor harmonia. A questão está em se constituir o espírito de colaboração, o ideal comum a atingir. Sem isto tudo é inútil e até prejudicial.

Todos estes aspectos da colaboração estão no entanto facilitados pela própria formação do Arquitecto-Paisagista. O nosso ofício é de jardineiros e por isso a nossa arte é daquelas que na expressão de S. Tomás é «Ars cooperativa naturae». «Uma arte que coopera com a natureza» e não apenas lhe impõe a sua forma. Por isso nós aprendemos na prática, e não há artistas teóricos, a respeitar a personalidade, se assim me posso exprimir, de cada um dos factores naturais ou das plantas e a fazê-los jogar livremente num conjunto harmonioso. Além do respeito pelos outros cria também em nós a confiança pois bem sabemos que se a semente for boa e a sementeira bem feita e a tempo o resto, que é o principal, faz-se sem nós: É a semente que germina, é a nova planta que cresce, floresce e frutifica.

Este nosso ofício de jardineiro trouxe-nos ainda outros aspectos muito marcados na formação do espírito. Não pode haver dúvida que de todas as artes que se dedicam à cultura da terra a jardinagem é a mais variada e mais completa. Variada pelas espécies que cultiva, desde a árvore até à planta de estação, e de cada uma delas, não apenas uma ou duas formas, mas centenas e às vezes milhares, cada uma com as suas características bem definidas. Variada também nas condições em que se realiza a cultura, desde o parque onde se reconstituem aspectos naturais que hão-de desenvolver-se com um mínimo de intervenção do homem, até à estufa onde o artificialismo atinge a sua máxima expressão. Nenhum outro aspecto da cultura da terra consegue atingir, nem de longe, a intensidade e continuidade de aproveitamento e o grau de permanência de fertilidade que se alcançam na horta ou no jardim. Não é por isso de admirar que as técnicas de melhoramento vegetal se tenham desenvolvido na jardinagem muitos séculos antes de passarem à prática corrente em agricultura. Nem tão pouco que a sistemática tenha tido sempre entre os seus mais notáveis cultores um grande número de jardineiros. Nunca me posso esquecer do comentário do meu professor de botânica, em Berlim, von Wetstein perante um grupo de alunos que de facto conhecia as plantas e sabia classificar — ah! os senhores são jardineiros!

No século XVIII os jogos de água desempenhavam um papel importantíssimo na concepção dos jardins e por isso ainda Lenôtre usou o título de «Ingénieur des jardins»! Da jardinagem nasceu o moderno processo da rega por aspersão! Nem será agora de admirar que o betão armado tivesse sido inventado por um jardineiro francês do século passado — o senhor Monier.

Se na horta e no pomar se cultiva o que é necessário à vida do corpo, no jardim cultivam-se as flores para regalo do espírito, somente por amor! Dos Beneditinos, os grandes jardineiros da Idade Média e da civilização moderna, possuímos ainda hoje os planos de Mosteiros do tempo de Carlos Magno em que se definem perfeitamente as complexas funções do jardineiro. A par da horta e do pomar para a alimentação dos frades e de todos aqueles que se abrigavam na Hospedaria, havia o jardim dos simples em que se cultivavam as plantas medicinais, com que se curavam os enfermos, uma das maiores obras de misericórdia, e o jardim das flores que se destinava a dar glória a Deus enfeitando-lhe os altares. Saber aliar o espírito prático e utilitário ao espírito puramente lúdico é outra das virtudes que aprendemos com o nosso ofício.

Todas estas qualidades e outras que seria longo enumerar fazem parte essencial da missão do Arquitecto-Paisagista no mundo moderno. A necessidade de intensificar a produção agrícola e florestal aproximam cada vez mais estas actividades humanas dos vários aspectos da jardinagem. A todos os elementos de despersonalização e mecanização do homem que a nossa civilização material tem criado sente-se cada vez mais a necessidade de opôr o contacto com a natureza, não apenas de uma forma passiva, como aquele que passeia no campo ou na praia, mas na cooperação criadora da cultura da terra. Esta porém, dada a extraordinária ocupação humana da cidade moderna, apenas se pode exercer em minúsculas parcelas, que serão fatalmente cultivadas como hortas e jardins.

Restabelecer o equilíbrio das obras vivas sobre as obras mortas, do equilíbrio dinâmico que é vida sobre o equilíbrio estático que é a morte, tem sido uma das missões fundamentais da Arquitectura-Paisagista.

Vejamos agora o que têm feito os Arquitectos-Paisagistas em todo o mundo e depois do nosso país para finalmente procurarmos focar alguns dos problemas mais prementes em que a nossa acção se torna necessária em Portugal.

Como é evidente o primeiro campo de acção dos Arquitectos-Paisagistas tem sido em toda a parte o jardim e o parque, quer particular quer público. Sucede porém desde o século XVIII em Inglaterra e depois no século XIX mais ou menos em toda a parte da Europa, com o advento da escola paisagista, que o parque passou a abranger uma parte cada vez maior da exploração agrícola e pecuária. Vemos surgir então os nomes de Brown e Repton na Inglaterra que

já não limitam o seu trabalho a pequenos jardins mas transformam propriedades inteiras, aumentando a beleza da paisagem e o rendimento da produção. Na Alemanha, Lenné, encarregado de transformar o parque de Sanssouci em Potsdam, cria zonas florestais, compartimentação de defesa do vento, traça estradas e canais e colabora por fim no traçado do próprio caminho de ferro. Desta sua acção nasceu uma das primeiras intervenções da nossa profissão em problemas de urbanismo, porque Berlim se encontrava então em pleno desenvolvimento.

O príncipe de Pückler, por essa época, transforma também a sua propriedade de Moskau dentro da mesma concepção de equilíbrio biológico que se traduz por um aumento de beleza da paisagem. O mesmo realiza mais tarde o conde de Sylva Tarouca na Checoslováquia. É porém no nosso século e particularmente depois da guerra de 1914-1918 que se retoma essa tradição e se alarga cada vez mais a intervenção dos Arquitectos-Paisagistas.

De facto a expansão das grandes cidades e a fortíssima concentração industrial que caracterizam esta época juntamente com a crescente preocupação social e o reconhecimento da necessidade de praticar a higiene preventiva fizeram reconhecer em todo o mundo a urgência de evitar que as cidades ao hipertrofiarem-se expulsassem de todo a Natureza. Proclama-se nessa época que os parques e jardins públicos eram os pulmões da cidade e por consequência a Arquitectura-Paisagista passou a ter importância decisiva no planeamento urbano. Esta tendência tem-se acentuado cada vez mais, embora hoje em dia para além das preocupações higiénicas, tenham surgido outras porventura mais importantes, e já não se concebe uma equipe de urbanização em que não trabalhem a par Arquitectos, Arquitectos-Paisagistas, e engenheiros especializados nos diferentes ramos de urbanismo. Verificou-se, é certo, que a função das zonas verdes não era como a princípio se supunha, purificar o ar pelo seu enriquecimento em oxigénio, mas a sua acção de defesa do vento ou de promotora de correntes de ar, conforme as circunstâncias, o seu efeito filtrante de poeiras e microorganismos mantém e torna cada vez maior a sua importância nos aglomerados urbanos onde a poluição do ar ameaça por vezes de morte os seus habitantes. Um dos meus condiscípulos, Günther Hollweg, trabalha actualmente numa das grandes cidades industriais do Rhur, procurando criar por meio de maciços de arvoredos, correntes de ar que consigam destruir o capacete de fumos que envolve a cidade.

Noutros casos trata-se de recuperar economicamente zonas devastadas pela exploração mineira ou industrial. Uma lei que tem poucos anos, obriga em Inglaterra todas as explorações de minas ou de pedreiras, a estudar a reconstituição dos terrenos destruídos entregando-os de novo a cultura agrícola ou florestal. Os respectivos planos têm de ser elaborados logo no início da exploração

e é arrecadado um imposto que assegura a sua execução. Miss Brenda Colvin, um dos primeiros nomes da Arquitectura-Paisagista actual em Inglaterra dedica-se quase exclusivamente a este trabalho. Também na Alemanha se tem realizado notáveis trabalhos de revestimento florestal de depósitos de detritos fabris que por vezes atingem percentagem elevada da área das cidades industriais. O aspecto desolador dessas montanhas de escombros, a poeira que se levantava, e a área de terreno improdutivo impunham o seu revestimento. Algumas são hoje agradáveis parques e em todo o caso deixaram de ser terra morta e estéril para voltarem a viver.

A defesa de fumos e poeiras bem como das escavações produzidas pelas fábricas de cimentos também têm sido tratadas por Jellicoe na Inglaterra, Ulla Bodorff na Suécia e outros mais.

Na América do Norte e na Alemanha é bem conhecida a acção dos Arquitectos-Paisagistas no traçado das grandes estradas. A sua colaboração foi preciosa no traçado das famosas auto-estradas alemãs de 1938-40 não só procurando uma melhor integração da estrada na paisagem, mas chamando a atenção e evitando prejuízos tremendos como a alteração da drenagem atmosférica, que ia por vezes inutilizar grandes zonas, por causa das geadas ou da sua influência na toalha friática, e conseguindo ainda notável economia de realização e conservação pelo estudo da maneira correcta de proteger e plantar os taludes e de arborizar as estradas em função das novas exigências do trânsito acelerado. Uma das actuais preocupações da construção de estradas nos Estados Unidos é a defesa da erosão e o aproveitamento para reservatórios de água de todas as depressões provocadas pelos desaterros, da defesa do vento e do encandeamento dos faróis. Outra medida de segurança leva a procurar pontos de estacionamento com vistas de especial beleza que convidem o automobilista a parar fim de evitar os desastres devidos à fadiga do condutor.

É conhecida a campanha do Professor Alwin Seifert, iniciada cerca de 1930 para a regularização e correcção biológica dos cursos de água, dum concepção totalmente diferente do conceito puramente mecânico que imperava em hidráulica fluvial no século XIX. Depois de uma luta que ainda em 1938 era violenta, os seus pontos de vista vão tendo cada vez mais aceitação e já hoje se estendem à defesa da costa marítima em que holandeses, alemães e dinamarqueses estão realizando trabalho de alto interesse não apenas de defesa da costa mas também de conquista de novas terras ao mar.

Não falei ainda da compartimentação para a defesa do vento e da erosão. Os trabalhos iniciados há mais de um século pelos russos, alemães, franceses e dinamarqueses tomaram um novo incremento e maior interesse nestes últimos

20 anos. As grandes realizações americanas, os trabalhos holandeses do Nord-Ost Polder e de Walcheren e a imensa obra que se tem estado a realizar na Alemanha tem tido a colaboração de Architectos-Paisagistas.

Da mesma forma temos trabalhado em planos de emparcelamento que envolvem como se imagina modificações profundas na paisagem e no povoamento.

Pode dizer-se que todos os dias se abrem novos campos de actividade à profissão e em todos os países somos poucos para as tarefas a realizar.

É em Portugal? Como sabem fui eu o primeiro que graças à intervenção dos Professores André Navarro, Azevedo Gomes e Ruy Mayer pude obter uma bolsa de estudo para em Berlim estudar Architectura-Paisagista. A minha primeira preocupação no regresso foi ensinar a outros o que tinha aprendido e ao mesmo tempo exercer aqui a profissão para poder aprofundar os meus conhecimentos e sobre tudo saber applicá-los ao caso português. É este por vezes um dos pontos mais difíceis para um bolseiro.

Graças a Deus passados 16 anos — voltei em fins de 1939 — já não estou só. Dez colegas exercem a profissão e trabalham no Continente e também no Ultramar. Todos estão ocupados para além das suas forças e todos têm conseguido, depois de vencidas as resistências iniciais motivadas quase sempre pela novidade das soluções, encontrar o melhor apoio e a melhor colaboração de todos os outros com que tem de trabalhar.

Além do ensino estamos hoje a trabalhar no Ministério das Obras Públicas na Direcção Geral de Urbanização. No Ministério da Economia na Direcção Geral dos Serviços Agrícolas e na Junta de Colonização Interna. No Ministério do Interior, na Câmara Municipal de Lisboa, quer na Repartição de Jardinagem e Arborização quer no Gabinete de Estudos de Urbanização. No Ministério do Ultramar na Província de Moçambique, no Grémio dos Produtores de Milho da Beira. Acresce a esta actividade toda a de profissão liberal no projecto e estudo de parques e jardins particulares e públicos, trabalhos de construção rural e, propriamente na paisagem, em explorações agrícolas e florestais.

É ainda muito reduzido o nosso número, se bem que não seja já inferior ao da maioria dos países da Europa, exceptuados a Alemanha, a Inglaterra e a França. É muito recente a nossa existência. Abstraindo da minha pessoa, estamos a trabalhar há apenas 7 anos, data em que concluiu os seus estudos o primeiro Architecto-Paisagista em Portugal. Mas o caminho está aberto e a seara é imensa.

Não é possível enumerar os variadíssimos sectores em que poderíamos trabalhar com o maior proveito para a Nação. Mas bastará pensar no que atrás mencionei a respeito de outros países e confrontar o que já estamos a fazer para

se ter uma ligeira ideia do que falta ainda realizar. Ninguém trabalha nas estradas, onde aliás um colega engenheiro silvicultor tem a seu cargo todo o problema da arborização de estradas do nosso país. Só a Câmara Municipal de Lisboa tem ao seu serviço Architectos-Paisagistas. Na hidráulica fluvial ou agrícola ainda não podemos dar a nossa colaboração e no entanto só na luta contra a erosão e na regularização dos cursos de água para não falar na conquista de novas terras aos estuários, quanto haveria a fazer em que a nossa colaboração, em Portugal como tem sucedido nos outros países, poderia ser proveitosa.

Na defesa do vento temos estudado mas só agora começamos a ter possibilidades de realizar trabalho.

E a protecção do equilíbrio biológico da Paisagem? E o emparcelamento? e tantos outros problemas?

Se por um lado às vezes nos confrage a imensidade da obra que espera por nós, tão poucos, por outro enche-nos de esperança nos novos que hão-de vir, sobretudo ao ver os resultados já conseguidos pelos que já neste momento trabalham e pelo bom acolhimento e compreensão que sempre temos encontrado e é para nós a maior consolação e o maior estímulo para continuar, se Deus quizer, a servir!

Tenho dito.



Jardim no Estoril. Projecto do Prof. Caldeira Cabral



Plano de urbanização da Quinta Grande pertencente à Sociedade Nova Oeiras. — Projecto das zonas verdes — Plano de plantação das árvores da zona central. Arquitectos-paisagistas Edgar Fontes e Gonçalo Telles